



Lixo depositado irregularmente na avenida da Independência, em Belém. Raimundo Passi - 22 Nov 2013/Agência O Estado/PA/Agência

Sede da COP30, Belém tem 200 mil sem esgoto adequado

Administração municipal afirma que desenvolve o programa de saneamento

Philippe Watanabe

SÃO PAULO. Belém, cidade-sede da COP30, a conferência da ONU sobre mudanças climáticas a ser realizada em 2025, ocupa a décima posição entre as capitais com maiores percentuais da população vivendo sob esgotamento sanitário inadequado. A situação de saneamento precário é realidade em diversos municípios do Norte e do Nordeste. São 212,375 os habitantes de Belém que vivem com esgotamento sanitário inadequado, segundo dados da Censo Demográfico 2022 divulgados na sexta-feira (23) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A Prefeitura de Belém disse, em relação à destinação do lixo na cidade, que, com uma nova licitação já concluída, projeta melhorias no "gerenciamento de resíduos sólidos urbanos após 14 anos de atraso". O Governo do Pará cita novos investimentos e obras para melhoria dos serviços.

O número de habitantes com saneamento inadequado representa pouco mais de 16% da população da capital do Pará, que, em 2025, deve receber líderes políticos e da sociedade civil de todo mundo para mais uma conferência da ONU que busca frear a catástrofe climática.

O "inadequado", na nomenclatura do Censo, diz respeito a esgotamentos por meio de fossas rudimentares ou buracos, valas, rios, lagoas, córregos e outras formas diversas. A classificação também é usada

para domicílios nos quais não há banheiro nem sanitário.

A situação não chega a ser novidade e é uma das causas de preocupação em relação à infraestrutura para a realização em Belém da COP30, que marcará os dez anos do Acordo de Paris. Na cúpula, deverão ser apresentadas as novas NDCs (sigla em inglês para contribuições nacionalmente distribuídas), como são chamadas as metas de cortes de gases-estufa de cada país.

Acidental com a pior posição no ranking, considerando o percentual da população com esgotamento sanitário inadequado, é Macapá, onde 44,2% dos habitantes (196.610 pessoas) têm esgoto inadequado.

A Prefeitura de Belém disse que "desenvolve o Programa de Saneamento da Bacia da Estrada Nova (Promaben), com o objetivo de beneficiar moradores de cinco grandes bairros da capital com serviços de saneamento, pavimentação e educação ambiental".

Em relação à coleta de lixo, mais uma vez, estados do Norte e Nordeste dominam o ranking das capitais com a maior proporção de domicílios com lixo não coletado. Nessa categoria, segundo o IBGE, estão os casos em que a destinação dos resíduos ocorre por queima na propriedade, material enterrado na propriedade ou jogado em terreno baldio, entre outros destinos possíveis.

Belém aparece na sétima posição, com 2,4% da população, o que representa 33.739 pessoas com lixo não coletado.

Saneamento, lixo e água em Belém



Fonte: Censo/IBGE

No começo deste ano, a cidade passou por uma crise de lixo, com pilhas de resíduos em acúmulo nas ruas.

A situação é pior, em termos percentuais, em outras capitais, como Porto Velho, onde 8,1% da população constam no Censo como sem lixo coletado, o equivalente a 37.048 habitantes. A lista segue com Macapá, Rio Branco e Teresina, com, respectivamente, 5,5% (24.239 pessoas), 5,3% (20.250) e 4,1% (15.330) com lixo não coletado.

Em nota à reportagem, a Prefeitura de Belém afirmou que a gestão atual, na questão dos resíduos sólidos, assinou um contrato de concessão, na modalidade parceria público-privada, com duração de 25 anos e investimento previsto de R\$ 927 milhões.

A Prefeitura de Belém acredita firmemente que a cidade entrará em um novo padrão de limpeza, coleta e disposição final, garantindo, dessa forma, qualidade de vida para a população, afirma a gestão, em nota.

Mesmo com percentuais consideravelmente menores, a questão do abastecimento de água também é um problema em capitais do Norte, entre elas, Belém.

O IBGE divide a classificação de abastecimento inadequado em carro-pipa, água da chuva armazenada, rios, açudes, córregos, lagoas e igarapés, entre outras formas.

Na capital paraense, a categoria "outra [forma]" de fornecimento inadequado é atribuída a 0,6% da população, ou 11.154 pessoas. Outros 2,2% dos habitantes (2.560) têm abastecimento através de rios.

Macapá, novamente, e Rio Branco aparecem na frente. Na capital do Amapá, cerca de 2,5% da população (11.115 pessoas) têm abastecimento de água a partir de rios, 1,4% (4.686) foram enquadrados na categoria "outra", e 0,1% usam água da chuva. Na capital do Acre, há 5% da população com abastecimento inadequado — 1,7% (6.227 habitantes) dependem de água de rio.

A reportagem, o governo do Pará e seu órgão de saneamento deram uma resposta conjunta sobre ações que têm realizado.

A Consampa (Companhia de Saneamento do Pará) afirmou que foi aprovada pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) um empréstimo de R\$ 314 milhões para "as obras de construção da Estação de Tratamento de Água do Bonônia, que atende à região metropolitana de Belém, além da reforma de vários setores de distribuição de água. Segundo a entidade, isso "vai fortalecer a prestação do serviço".

A consórcio também disse ter contratado uma operação de crédito de US\$ 125 milhões (cerca de R\$ 614 milhões) com o BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) para investimento em saneamento.

Pesquisadores encontram lixo no fundo do oceano na costa do Brasil

AGÊNCIA FAPESP. A presença de grandes quantidades de lixo no oceano é um tema que vem ganhando cada vez mais atenção e estudo, entretanto, são poucas as avaliações referentes ao oceano profundo (com mais de 200 metros de profundidade).

Um primeiro relatório sobre a presença de lixo marinho persistente no talude continental do Sul e Sudeste do Brasil foi publicado na revista Marine Pollution Bulletin e traz dados alarmantes: foi encontrado lixo em 28 dos 31 locais amostrados (90% do total) em duas áreas distintas da costa Sul/Sudeste do Brasil e, em alguns deles, a quantidade de resíduos foi maior que a de peixes e invertebrados.

Nosso projeto tem como objetivo estudar os peixes e outros animais de mar profundo, entre 200 e 1.500 metros de profundidade, e percebermos que em praticamente todas as coletas também viramos uma grande quantidade de lixo", explica Marcelo Melo, do Laboratório de Universidade, Ecologia e Evolução de Peixes do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo.

A equipe de pesquisa de ceticidade, então, guardou e estudou todo o lixo coletado. O material predominante foi o plástico, presente em todos os pontos de coleta, representando 58,8% do total recolhido. Tecidos e metais também foram frequentes, correspondendo a 14% e 11% do lixo coletado, respectivamente. Tintas catalisadas para barcos, vidro e concreto também foram identificados.

A pesquisa, financiada pela Fapesp por meio de dois projetos vinculados ao Programa Biot, coletou material em 16 pontos de São Paulo e 15 estações de Santa Catarina. Em apenas três locais paulistas não foi encontrado nenhum lixo.

Um total de 662 itens foi obtido, com uma massa de 33,98 quilos. São duas as principais fontes de lixo marinho: o material que é descartado nas regiões costeiras e transportado pelos rios e/ou pelo vento até a costa ou despejado diretamente na praia ou o material gerado por plataformas de petróleo e gás, embarcações, navios e outras instalações que é despejado diretamente no oceano.

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse
folha.com/classificados

11 3224-4000

FORMAS DE PAGAMENTO Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

EMPREGOS

EMPREGADOS PROCURADOS

EMPREGADOR

EMPREGADOS PROCURADOS

EMPREGOS

EMPREGADOS PROCURADOS

EMPREGADOR

EMPREGADOS PROCURADOS

EMPREGOS

EMPREGADOS PROCURADOS

EMPREGADOR

EMPREGADOS PROCURADOS

EMPREGOS

EMPREGADOS PROCURADOS

EMPREGADOR

EMPREGADOS PROCURADOS

ASSINE A
FOLHA
folha.com/assine